

In Memoriam

FIGUEIRA MESTRE

A noite já vai alta e a biblioteca acabou de fechar as suas portas. Caminhamos por entre estantes, corredores, escadarias... subimos ao ponto mais alto da biblioteca e da varanda do gabinete, que um dia foi do Mestre, olhamos a cidade. O silêncio derrama-se na planície e inunda as ruas. Um silêncio apenas cortado por um carro que acabou de passar, pelos passos do notívago que, lá em baixo, atravessou a rua e agora que nos sentamos a escrever, também rasgado pelo som do aparo no papel. Queremos falar do silêncio. Não do silêncio que surge após experimentarmos um ruído intenso, o silêncio desejado. Não do silêncio opressor do Alentejo nos dias de canícula, pois esse será sempre habitado pelas cigarras e pelo cante. Queremos falar do silêncio que nos cerca a toda a hora, o silêncio incontornável. Aquele que nos inquieta e que nos leva a procurar os sons da terra, as manifestações da fala humana ou dos bichos. O silêncio que nos desassossega e nos faz empreender. O silêncio que nos impele a buscar a linha do horizonte. O silêncio que nos obriga a partir ao encontro da nossa voz, das vozes do mundo. Talvez tenha sido a luta contra o silêncio e a busca da voz do mundo e da sua própria voz, que levou o Mestre a pintar e que o conduziu à literatura quer enquanto leitor, quer enquanto escritor. Talvez tenha sido a procura da sua voz que fez do Mestre, o cidadão que pensou e interveio na cidade. Foi a certeza de que só estamos inteiros quando temos voz social, que o fez desenhar uma biblioteca utópica, projetada não para a cidade real, mas para uma cidade sonhada. Impelido pela tarefa gigantesca de criar uma Biblioteca de referência e colocar Beja nos mapas da cultura nacional, antecipando a agonia do movimento associativo, o Mestre abraçou o seu trabalho de funcionário público, com a paixão e dedicação com que antes abraçara a vida associativa. O desenho do projeto era inovador e estava alicerçado no conhecimento

que tinha da cidade. Ele sabia que a Biblioteca teria de ser reconhecida lá fora, para depois ser valorizada cá dentro.

A vertigem de oferta cultural nesses anos, o sentido de serviço público que imprimiu ao projeto, marcaram a rede de Leitura Pública portuguesa e a cidade que o viu crescer. Poucos perceberam o porquê. Poucos perceberam que, na base do trabalho desenvolvido tantas de vezes de forma intuitiva, estava o acreditar que a cultura e o desenvolvimento são duas faces de uma mesma moeda e que Beja, socialmente deprimida, proscrita pelos poderes centrais desde sempre, afastada dos media desde sempre, poderia crescer em volta de um projeto cultural sólido, protagonizado pela sua Biblioteca. Nessa *biblioteca largo* cresceriam as crianças, entre os mestres da arte da palavra.

Poucos perceberam o porquê da sede de atividades, das declarações aos media, da vinda dos maiores da literatura, do investimento que se fazia em promoção da leitura, da firmeza intransigente com que lutava pelos recursos necessários para a nossa biblioteca. Costumava dizer: - Cada vez que alguém pede um livro que não temos, uma revista que desconhecemos e sai da biblioteca sem uma resposta, perde-se um leitor. Poucos perceberam porque produzia vertiginosamente documentos de reflexão sobre a biblioteca e a intervenção cultural da cidade, documentos com que bombardeava todos os executivos municipais com quem viria a trabalhar. Criticaram o excesso. Não sabiam que um projeto de leitura nunca está ganho, ele tem de ser permanentemente reforçado e articulado com a estratégia de desenvolvimento cultural de um concelho. Adivinharam-lhe arrogâncias, vaidades, interesse pessoal. O “diz que disse” da cidade,

tantas vezes madrastra, na ânsia de derrubar o homem imperfeito, que o Mestre era, ignorava o projeto, esquecendo o serviço público excepcional que sempre prestou, esquecendo todos os que, durante anos, ao seu lado, tiraram sangue das pedras; esquecendo que as cidades que possuem uma baixa auto estima, precisam de projetos onde se possam rever. Trabalhar com o Figueira Mestre foi um privilégio e talvez um dos grandes desafios das nossas vidas. Ao seu lado crescemos e partilhámos alegrias, sucessos mas também o sangue, o suor e as lágrimas, que fazem a argamassa dos projetos calibrados pela paixão.

Chamavam-nos, entre a brincadeira e a ironia, “as meninas do Mestre”. Com a sua morte, os técnicos da Biblioteca não perdem apenas o chefe, a Biblioteca não perde apenas o seu diretor, a Câmara não perde apenas um funcionário, a cidade não perde apenas um dos seus mais notáveis cidadãos, os amigos... a família... Com a morte do Mestre corremos o risco de perder a Visão. E perder a visão é como dizia Alberto Caeiro, perder o bem mais precioso.

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...

Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,

Porque eu sou do tamanho do que vejo E não do tamanho da minha altura...

Nas cidades a vida é mais pequena Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.

Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,

Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu, Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar, E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

Numa época de crise, como aquela

que se desenha todos os dias à nossa volta, crise económica, mas fundamentalmente crise no ideário, nos valores, na democracia, nos objetivos estratégicos do país, das cidades, importa dizer que com a morte de homens de visão como o Mestre, todos perdemos. Só a visão, o rasgo do olhar dos Homens sobre a planura que os rodeia, tornará possível a saída da crise e aí, usando a matéria delicada que nos distingue das bestas – a palavra e a capacidade de criar – e a energia criadora do bem maior de uma organização – as pessoas – poderemos talvez construir os caminhos que nos levarão ao encontro com a nossa humanidade.

Por isso hoje, como ontem, é preciso reafirmar que não há desenvolvimento de um país ou de uma cidade que possa ser pensado de costas viradas para a Cultura, não existe desenvolvimento sem formação de públicos para a Cultura e uma biblioteca é um instrumento estratégico para essa mudança, é um investimento – não uma despesa. O Mestre sabia tudo isto e lutou pela sua cidade, pela sua biblioteca, com o excesso com que lutava pelas coisas em que acreditava.

O Mestre sabia do papel central de uma biblioteca na formação dos sujeitos. Sabia que uma cidade leitora, capaz de expressar pela palavra as suas ideias, a sua memória, as suas emoções, poderia ser uma cidade desenvolvida, com capacidade de criar, de empreender, de intervir, de responder a desafios e de se transformar.

Enquanto profissionais sabemos que o maior serviço que podemos prestar à cidade que o Mestre amou, a nossa cidade, é continuar a trabalhar com rigor, profissionalismo e com alma, por essa biblioteca utópica e transformadora, lugar

LEMBRANDO A ISABEL SOUSA

de promoção do SER.

Sabemos o que temos de fazer – tivemos bom Mestre – e também sabemos que não o conseguiremos fazer sozinhas.

Uma cidade leitora constrói-se dos pais que contam aos filhos histórias de adormecer anjos e lhes possibilitam experiências que ajudam a pensar o mundo. É feita de professores que amam a leitura e ensinam com paixão, de instituições responsabilmente cooperantes, de poderes políticos – executivos municipais e juntas de freguesia – preocupados com a promoção, a verdadeira promoção, a do SER, das suas comunidades, que juntos se organizam em torno de um pacto social, onde ganhamos todos.

Enquanto amigas, saberemos sempre que, quando foi necessário, estivemos presentes. Recordamos as palavras do Nelson Baptista e...

“Hoje, como ontem, o tempo percorre as ruas da cidade, entre a vida e as palavras, as palavras da saudade, complexas e imortais.

Ambos sabemos que fácil é o ruído, as conversas banais e sem sentido.

Mas deixemos isso de parte.

Quero dizer-lhe que, recordo os momentos de ânsia e a aparente contradição. Por eles estou grato.

Tenho em mim imagens gravadas, como tatuagens para a eternidade.

Colocar a minha mão sobre o seu ombro significa deixar que as memórias vivam por si, sem as aprisionar ou sequer alterar... e agora que aqui estamos a contemplar o sorriso utópico das estrelas, tenho a sensação de partilharmos esta brisa, leve que nos toca os rostos.

Não lhe permito que me esqueça! Não permitirei que o esqueçam!

... e o silêncio inunda-nos o olhar. Até amanhã Mestre!

Além de penoso, é-me difícil fazer esta evocação da Isabel: sei que nos deixou há tempo, mas como agora vivíamos longe, é ainda algo que não consigo aceitar e muitas vezes dou por mim a pensar telefonar-lhe, para contar o que me aconteceu ou a querer saber notícias...

Nem sempre estávamos de acordo e nenhuma de nós tinha um carácter fácil, mas nunca tivemos uma zanga e a verdade é que, tendo eu felizmente muitos amigos, é impossível lembrar-me de alguém mais generoso e mais disponível para qualquer pessoa conhecida ou mesmo desconhecida, sem olhar à dificuldade do que lhe fosse pedido.

Creio, portanto, que posso falar em nome dos inúmeros amigos que a Isabel fez, ao longo dos anos e em todos os lugares por onde passou – e muitos foram – insatisfeita e irrequieta como era, sempre procurando novos desafios, dando asas a um apurado sentido estético e a uma grande imaginação criadora, de que deixou um longo rasto em termos profissionais.

O seu percurso foi bastante variado e pleno de realizações, cujas dificuldades nunca temeu. Conheci-a quando já se iniciara na criação de bibliotecas públicas e, desde então, os nossos interesses iriam coincidir cada vez mais. Vou, pois, tentar traçar um trajeto que acompanhei de perto, durante mais de vinte anos, mesmo com a absoluta consciência de que não saberei fazer-lhe justiça!

A Isabel Maria Almeida Rocha e Sousa nasceu em 1958, na aristocrática Praia da Granja. Licenciou-se em História no Porto, especializou-se em Arquivos

em Coimbra e fez Comunicação e Marketing em Lisboa. Até meados dos anos 80, foi professora e trabalhou ainda no Inventário dos Arquivos de algumas das Santas Casas da Misericórdia do distrito de Coimbra, antes de assumir, em 1985, as funções de Bibliotecária-Arquivista na Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. E foi aí que começou a sua tarefa de “fazedora” de bibliotecas públicas, em paralelo com a de difusão do livro e da leitura, em campanhas por vezes surpreendentes.

Quem não se recorda de “Pão com Livros”, “Ao sabor das Páginas” ou de “Poesia à Mesa”? Foi assim nomeada pelo Ministério da Cultura e pela APEL, em 2000, Comissária Nacional do Ano do Livro e da Leitura e, logo, para a Comissão Executiva do 1.º Salão do Livro de Lisboa, tendo concebido e organizado, ao longo dos anos, múltiplas manifestações nesse domínio. Em 1998, concebeu e, com outras companheiras, fundou e foi presidente da BIBLIOMÉDIA – Associação de Bibliotecas para a Cooperação, e essa iniciativa pioneira, assim como a coautoria de duas edições do IPLL “Seleção Bibliográfica para Bibliotecas de Leitura Pública”, não podem deixar de ser lembrados, ainda hoje, como importantes contributos para o desenvolvimento e apoio da profissão de que tanto se orgulhava. Assumiu-se sempre como bibliotecária-arquivista: após os trabalhos que já referimos, realizados durante os anos 80,

foi ainda, de 1990 a 2003, Diretora do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, depois de ter trabalhado para a Comissão de Reforma e Reestruturação do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, sob a direção do Prof. José Mattoso. Teve também a seu cargo, num âmbito distinto e durante os primeiros anos deste século, a montagem e gestão do Arquivo e do Centro de Documentação da NTV – canal por cabo da Televisão do Norte. Para além da Chefia de Divisão da Cultura, Desporto e Turismo da Autarquia famalicense, sendo depois responsável pelo planeamento e criação da moderna Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, foi nomeada, já no decénio seguinte, para a Chefia da Divisão de Bibliotecas, Arquivos e Documentação da Câmara Municipal de Guimarães onde, mais uma vez, lhe foi entregue a responsabilidade do planeamento de um novo equipamento – neste caso em termos de recuperação de um edifício de valor patrimonial – para instalação da Biblioteca Municipal Raul Brandão, que passou então a orientar, assim como os novos anexos de Vizela e Pevidém, a biblioteca itinerante e a rede concelhia de bibliotecas escolares. Entretanto, assessorou tecnicamente os projetos de construção das novas bibliotecas de Celorico de Basto e de Fafe e, mais tarde, as de Ribeira de Pena, de Cabeceiras de Basto, de Amares e de Vizela, tendo desempenhado, nos seus últimos anos, as funções de assessora nas Câmaras Municipais de São João da Madeira e de Espinho onde aqui, nesse regresso final às origens, dirigiu a Biblioteca Municipal e ainda teve oportunidade de, com mais de duas décadas de atraso, ver construir o novo

equipamento. É que, como várias vezes comentámos entre nós, não é fácil “ser profeta na sua terra”... A Isabel, por onde passou, organizou com êxito muitas exposições, encontros e conferências profissionais, tendo exercido a docência em vários cursos promovidos pela BAD e outras distintas entidades do setor. A sua atividade profissional extravasou, porém, as nossas fronteiras, nomeadamente a várias Comunidades Autónomas do país vizinho, onde tinha muitos amigos, como aliás no Brasil, em França, na Itália, no Reino Unido, na Holanda e nos países nórdicos, com ativa participação em congressos nacionais e internacionais e em proveitosas visitas de estudo. Recordo sobretudo os vários congressos da BAD, todos os Encontros Nacionais dos Bibliotecários de Leitura Pública e os realizados também pelo IPLB, em parceria com o Centro de Coordinación Bibliotecaria no contexto luso-espanhol, as Jornadas da ANABAD, os colóquios e seminários em França, destacando eu em especial, pelas vivências e intercâmbio profissional que sempre proporcionam, os importantes Congressos da IFLA em que ambas com entusiasmo participámos, em Barcelona, Copenhaga, Amsterdão, Banguetocque, Buenos Aires e Milão, neste já algo adoentada, poucos meses antes de nos deixar. São pois recordações inesquecíveis que partilhámos com muitos outros companheiros de jornada, nos bons e nos maus momentos de uma profissão que, para verdadeiramente valer a pena, só poderá, como ela sempre o fez, ser vivida com paixão...